



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento" dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

AÇÕES PARA ATRAVESSAR: RELAÇÕES ENTRE ARTISTA E PÚBLICO EM PROGRAMAS PERFORMATIVOS REALIZADOS COM CRIANÇAS DE 07 A 12 ANOS

Valeria Ribeiro Pereira¹

Universidade Estadual Paulista (IA/UNESP) – Programa de Pós-Graduação em Artes.

Este resumo apresenta as perspectivas iniciais de uma pesquisa que trata o jogo da amarelinha como um certo tipo de Programa Performativo, prática desenvolvida pela pesquisadora brasileira Eleonora Fabião, considerando sua estrutura de instruções, enunciados ou simplesmente formas variadas de brincar. A pesquisa tem como foco a observação da relação entre artista e público, no contexto de práticas realizadas com crianças de 07 a 12 anos. Tal escolha se deve à percepção de que essa faixa etária ainda não possui estudos substanciais na área da Arte da Performance, que, ao tratar de crianças, concentra a maior parte de suas análises acerca da denominada primeira infância, que compreende do 0 aos 6 anos de idade. A Artografia, metodologia que compõe o campo da Pesquisa Educacional Baseada em Artes (PEBA), foi o caminho que se mostrou mais adequado até o momento para as necessidades da pesquisa, por seu caráter qualitativo e por considerar a dimensão artista, educadora e pesquisadora da autora. Como percurso prático, serão propostos encontros denominados “Ações para atravessar”, em que a autora irá propor alguns formatos de amarelinhas e também convidar os participantes a criarem seus próprios trajetos.

Desde a concepção da ideia da pesquisa, a autora desejava aproximar os processos criativos do brincar e do fazer artístico. Esse desejo logo se converteu na preocupação de como as crianças reconheceriam determinada proposta como brincadeira, uma vez que, pela experiência da autora, caso uma proposta fosse demasiadamente prolixa ou muito cheia de etapas, as crianças logo perderiam o interesse.

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp na área de Artes e Educação, linha de pesquisa de Processos artísticos, Experiências educacionais e Mediação cultural, sob orientação da Profª Drª Denise Pereira Rachel. Bacharela em Comunicação das Artes do Corpo pela PUC-SP e Educadora em Atividades Infantojuvenis no Sesc São Paulo. E-mail: valeria.r.pereira@unesp.br. Link para currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3383645293909428>.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

V CONOPAE - Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

Por outro lado, era necessário que essa proposta também estivesse aberta à criação, a contornos específicos que a caracterizassem como um processo artístico. Nesse sentido, os Programas Performativos apresentavam uma estrutura que era compatível com essas necessidades. Segundo Fabião (2013), o Programa Performativo seria um procedimento composicional específico, um enunciado que norteia, move e possibilita a experiência. Para ela, quanto mais claro e conciso o enunciado de um Programa Performativo, sem adjetivos e com verbos no infinitivo, mais fluida será a experimentação, garantindo precisão e flexibilidade. Esse modo de fazer, com orientações simples, mas que permitem a mobilidade de quem realiza os Programas, passou a ser o referencial de prática artística da pesquisa.

O jogo da amarelinha é considerado um jogo tradicional da infância por conta de sua permanência ao longo de séculos na História da humanidade. Existem várias versões de sua origem e inúmeras formas de jogá-la, variando conforme o contexto e a região.

Essa estrutura é o ponto de conexão com os programas performativos, ambas as propostas são abertas à intervenção do público ou de quem estiver jogando/performando.

Os Programas Performativos se caracterizam, portanto, por entenderem o público como co-autor da performance, convidando-o ao fazer artístico junto com quem o propõe. O jogo da amarelinha tem sua mutabilidade como característica de permanência em diversas culturas por tanto tempo. Ambos consideram a criação de quem realiza o programa ou instrução sem destituir a estrutura da proposta, instabilizando os papéis da relação entre artista e público, educador e educando e até mesmo entre adulto e criança.

Segundo Erika Fischer-Lichte (2019), a relação entre artista e público é permeada por um processo a que ela denomina Circuito Retroativo, um processo que envolve estratégias de encenação baseadas na copresença corporal das pessoas envolvidas em um determinado evento artístico. Ela denomina essas estratégias como: troca de papéis, criação de coletividades temporárias e toque físico. É a partir desse processo que as relações durante os jogos de amarelinhas propostos serão analisadas, considerando suas dimensões e contextos.

A pesquisadora brasileira Marina Marcondes Machado (2010), propõe o conceito de Criança-Performer a partir da ideia de que criança não vive em um mundo isolado, mas faz parte do mundo como um todo, guardadas as devidas proporções e de acordo com seu repertório de vida.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

Esse espaço para o jogo, seus acontecimentos e abertura à ação do público também pode ser entendido com o que é chamado pela artista e pesquisadora brasileira Regina Melim, de Espaço de Performance. Ela afirma que esse espaço é “aquele que insere o espectador na obra-proposição, possibilitando a criação de uma estrutura relacional ou comunicacional. Ou seja, o espaço de ação do espectador ampliando a noção de performance como um procedimento que se prolonga também no espectador” (MELIM, 2008, p. 9). Esse referencial se torna importante no trabalho à medida que considera também como esse espaço pode ser substancial para a maneira como as relações acontecem no momento da performance, permitindo, de fato, uma abertura para a alteridade.

A relação entre adulto e criança também é um elemento importante no trabalho de Machado. Ela envolve a responsabilidade que os adultos têm em apresentar novos elementos do mundo para as crianças, sem, com isso, deixarem de considerar sua subjetividade. Essa relação pode ser comparada à relação entre artista e público, como visto anteriormente na produção de Erika Fischer-Lichte. À medida que o artista propõe algo novo para o público, é importante analisar também qual o espaço para que esse público possa lidar com essas novas informações e propostas. Essa comparação também pode ser aplicada à relação entre educador e educandos. A pesquisadora brasileira Denise Pereira Rachel (2019), junto ao Coletivo Parabelo, desenvolveu o conceito de Aulas Performáticas, tendo como contexto o Ensino para Jovens e Adultos (EJA). A partir da pergunta “Como fazer de uma aula de arte um acontecimento performático?”, eles também desestabilizam as posições pressupostas do que seria uma aula e consequentemente, de como ela aconteceria e como os estudantes lidariam com ela. Tais dinâmicas parecem buscar entender de que forma essas relações podem ter suas dinâmicas alteradas em nome de algo que possa emergir justamente desses momentos em que ambas as partes tenham autonomia e possam intervir nessa construção.

Essa pesquisa, ainda em fase inicial, busca por meio de suas propostas práticas e reflexões teóricas, abrir caminhos para a criação de modos de atravessar, atender ou subverter as regras e criar ou refazer tantas outras formas. Tal como brincar, tal como fazer arte.

Palavras-chave: Criança-performer; Programa Performativo; Educação não-formal; Circuito Retroativo.

REFERÊNCIAS:



opae.com.br/





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

- DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. **Pesquisa educacional baseada em arte** [recurso eletrônico]: **a/r/tografia** – 2. ed. – Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2023. 1 e-book.
- FABIÃO, Eleonora. **Programa performativo: o corpo-em-experiência**. Ilinx-Revista do LUME, n. 4, 2013.
- FISCHER-LICHTE, Erika. **Estética do Performativo**. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.
- MACHADO, Marina Marcondes. **A criança é performer**. Educ. Real, p. 115-137, 2010.
- MELIM, Regina. **Performance nas artes visuais**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.
- RACHEL, Denise Pereira. **Escrever é uma maneira de sangrar: estilhaços, sombras, fardos e espasmos autoetnográficos de uma professora performer**. 2019. Tese (Doutorado em Arte) – Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2019.